

Os banqueiros devem ter mais compreensão com os devedores

O "The New York Times", um dos mais conceituados jornais dos Estados Unidos, publicou quarta-feira passada, dia 21, editorial sobre a situação de endividamento do Terceiro Mundo. Defendeu uma política de recuperação econômica dos países devedores e pediu aos grandes banqueiros, credores, que sejam mais liberais em relação aos investimentos naquelas nações.

O editorial, com o título de "A bomba da dívida faz tique-taque", diz ainda que o Governo dos Estados Unidos é que deve procurar o consenso dos credores, em função de seus interesses no Terceiro Mundo.

E a seguinte a íntegra do editorial:

"No tempo de Dickens, os britânicos tinham um remédio simples para os devedores: a prisão. Embora moralmente gratificante, isto era loucura em economia. Os devedores tinham negada a possibilidade de produzir e dificilmente podiam pagar aos seus credores. A lição se aplica hoje, de outro modo, à diferente questão da dívida do Terceiro Mundo. Punir os países pobres sobrecarregando-os com taxas de juros e reembolsos que excedem sua renda pode ser justiça severa, mas também prejudica os credores.

"O peso é maior na América Latina, onde oito países devem 290 bilhões de dólares. Cerca de metade da dívida do mundo desenvolvido. Eles ficaram devendo 40 bilhões de dólares em juros no ano passado, quantia que representa dois quintos do valor de suas exportações. Argentina e Brasil devem três vezes e meia o que ganham anualmente com as exportações.

"Esbanjadores? Certamente a Argentina dissipou muito em uma

guerra temerária. Talvez o Brasil tenha acostumado mal sua classe rica. Não há dúvida de que muitas nações latinas administram mal suas economias, tanto por boas quanto por más razões políticas. Mas também houve muitos erros de bancos americanos, que concederam empréstimos durante uma década. E o segundo choque do petróleo, a recessão mundial e as catastróficas taxas de juros da América não eram facilmente previsíveis.

"Agora que todos estão mais experimentados, poucos ousam investir e isto piora as coisas. Menos capital significa menos emprego, menor produção, mais austeridade e instabilidade política.

"O que fazer? O remédio moderno usual é rescalonar os pagamentos, o que significa contrair novos empréstimos, enquanto o Fundo Monetário Internacional impõe rigorosas medidas e controles. Tal remédio atingiu todo mundo durante o inverno de 1982/83, mas isto foi só pular de uma tora para outra, sempre em águas turbulentas.

"Agora, aproxima-se uma segunda conta latino-americana, uma chicotada no meio de um promissor fermento democrático. Na Argentina, um culto. Presidente novo precisa apaziguar os eleitores, combater a inflação anual de 400 por cento, cortar um enorme déficit, lutar com o pagamento dos juros estrangeiros e abrandar o FMI. O Brasil enfrenta dificuldades similares ao se preparar para passar da ditadura para a democracia.

"Quando empresas particulares têm tais problemas, os bancos procuram melhorar ao máximo a situação ruim reduzindo os juros e auxiliando a recuperação dos devedores.

Por que não fazer isto com países importantes? Quanto mais cedo eles se recuperarem, mais cedo seus credores receberão.

"Mas, os banqueiros americanos estão perplexos com o vulto do problema. Eles acham que qualquer ajuda concedida a um promissor país devedor será imediatamente invocada por todos como um direito. Os banqueiros querem a ajuda e a orientação de Washington e devem tê-la. Os Estados Unidos têm um interesse particular na prosperidade do hemisfério. Argentina, Brasil, Venezuela e México também são interessantes apostas de investimento. Só o Governo pode coordenar com a ajuda ocidental medidas de auxílio aos países pobres.

"Foi com este espírito que, recentemente, o Departamento de Agricultura pagou 431 milhões de dólares a bancos particulares americanos para satisfazer suas garantias de empréstimos para a compra de grãos ao Brasil, à Romênia, ao Peru e ao México que não foram pagos. O Departamento do Tesouro espera o pagamento só dentro de cinco anos, pelo menos. Mas, o próprio interesse da América vai além do estímulo às exportações agrícolas. Pede uma fiança maior.

Rohatyn, cuja habilidade fiscal ajudou a recuperar a cidade de Nova York, sugeriu transformar a maior parte da dívida do Terceiro Mundo em bônus a longo prazo garantidos por Governos ocidentais. Isto protegeria o ativo nominal dos bancos, mas resultaria em pagamentos de juros consideravelmente mais baixos. Talvez alguém tenha uma idéia melhor. Simplesmente deixar os devedores na situação atual pode empobrecer a todos nós."